



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



MISTIFICAÇÕES E DESAFIOS ENTRE EDUCAÇÃO E TRABALHO PARA JUVENTUDE CAMPONESA

Roseli Pereira Nunes¹

RESUMO

Mediante referencial teórico, este artigo visa falar acerca da relação que jovem do campo estabelece com as categorias educação e trabalho enquanto aspectos de extrema relevância tanto para suas realidades cotidianas, quanto para suas perspectivas futuras. Ressalta-se a complexidade que é tentar classificar a juventude mediante aspectos relacionados apenas às características físico biológicas desta fase. Faz-se necessário contextualizar as realidades que vivenciam os jovens e, neste caso, em especial o jovem rural. Trata-se pois, de grupo de pessoas que iniciam de maneira precoce no mundo do trabalho a partir da realidade familiar. As dificuldades de acesso e permanência na educação formal acabam direcionando os jovens rurais à manutenção de suas atividades profissionais e/ao subemprego nas grandes cidades.

Palavras-chave: Jovens; Educação; Trabalho.

ABSTRACT

Through theoretical framework, this article aims to talk about the relationship that the young field sets with categories education and work as extremely important aspects for both their everyday realities, as to its future prospects. Emphasizes the complexity that is trying to sort through the youth aspects only to biological and physical characteristics of this phase. It is necessary to contextualize the realities they experience the young and, in this case, especially the rural youth. This is because the group of people that start as early as possible in the world of work from the familiar reality.. The difficulties of access and retention in formal education end up targeting rural youth for maintaining their professional activities and / underemployment in big cities

Keywords: Youth; Education; Labor

1. INTRODUÇÃO

O tema ao qual se propõe esta análise pode ser tomado por diferentes ângulos permeados por realidades complexas e controversas. Tais características iniciam-se pela dificuldade de se ter um conceito unívoco de juventude. Isto tanto por razões históricas, quanto sociais e culturais. Assim, é necessário não tomá-lo de forma rígida, cabendo, como vários autores indicam, falar em juventudes mediante recortes pré estabelecidos e, neste caso, um recorte de classe social².

Neste contexto, igualmente controvertidos e complexos são os temas do trabalho e do emprego, pois, em

torno deles há simplificações e mistificações de toda ordem. A mais elementar, segundo Frigoto (2004), é reduzir o trabalho, de atividade humana vital, forma de o ser humano criar e recriar seus meios de vida, com emprego, forma específica que assume predominantemente o trabalho sob o capitalismo: venda e compra de força de trabalho.

Para este artigo, os jovens a que nos referimos “rosto definido”. Pertencem à classe, ou à fração de classe “filhos do campo”. Pessoas que produzem a vida de forma por vezes precária, por conta própria, exercendo desde cedo em trabalhos como o plantio, a pesca e a coleta. Compõem este universo um elevado número de crianças e jovens espalhados por todo o país que têm a inserção precoce no mundo do emprego ou do subemprego. Inserção esta que não é uma escolha, mas uma imposição de sua origem social e do tipo de sociedade que se construiu no Brasil.

Diante desta realidade, a juventude brasileira, no que se refere ao universo do jovem rural no qual se insere pescadores e extrativistas, tem ficado à margem da educação formal por tempo maior. Assim, trata-se de homens e mulheres que freqüentam a escola somente durante as séries iniciais e logo se tornam economicamente ativos diante das necessidades que lhes são impostas.

A problematização da categoria jovem rural no que se refere à educação formal e ao trabalho, não pode ser compreendida enquanto fenômeno isolado, mas sim, dentro de uma totalidade de relações construídas socialmente. O contexto de migração da população jovem do campo para a cidade em busca de melhores condições para a sobrevivência e construção dos projetos de vida futura, possui relações com o processo histórico que está posto, visto que muitas vezes os sonhos de empregabilidade na cidade não passam de ilusão diante de crises estruturais do emprego, flexibilização produtiva, globalização, neoliberalismo, onde exige-se maior qualificação profissional para a inserção e permanência no mercado de trabalho.

Neste contexto, o jovem rural tende a tornar-se excluído do processo produtivo segundo a lógica dos centros urbanos, devido a precária formação que possuem para os moldes da reestruturação produtiva. Nota-se com isso que para os jovens que vivem no meio rural, as oportunidades de trabalho e construção de autonomia são mais difíceis, pois se inserem em padrões culturais que operam com a lógica da continuidade da atividade familiar, em estreita relação com a natureza e os recursos naturais de seu entorno, vinculados por laços de família.

1. JUVENTUDE: SIMILITUDES E CONTRADIÇÕES

Conforme a literatura pertinente, não se trata de uma tarefa fácil definir a categoria jovens e ou juventude objetivando abranger nesta definição os aspectos sociais, culturais e econômicos, entre outros, nos quais os indivíduos estão envolvidos. Evidenciam-se nesta tentativa, as tendências de fazê-la não considerando apenas os enfoques predominantes que são dados pela psicologia e ou pela biologia.

É preciso entendê-la como um fenômeno social que pode não afetar a todos na maneira como vestir ou falar, por exemplo, mas que, de um jeito ou de outro, coloca-os diante de uma nova experiência da vida social. Neste panorama, deve-se considerar que as formas de ser são bastante distintas, variando conforme a área em que vivem, a classe social, a raça ou etnia, o gênero, o país, entre outros.

No contexto contemporâneo, onde são múltiplas as possibilidades de escolhas e de vivências que se apresentam à condição juvenil, Dayrell (2002) destaca que para a construção de uma noção de juventude sob o viés da diversidade, é necessário não considerá-la presa a critérios rígidos e predeterminados. Para ele, trata-se de um processo mais amplo que ganha moldes no contexto das experiências vivenciadas de maneira individual e nos diferentes grupos sociais, e é nesta perspectiva que deve ser compreendido.

No que se refere à construção do conceito de juventude, a literatura aponta o predomínio de duas definições que costumam se destacar: uma etária e outra social. Para o primeiro caso, são considerados os aspectos referentes à biologia e as demais ciências médicas. Já no segundo, este processo torna-se entendível tão somente a partir dos contextos social, histórico e econômico.

O sociólogo José Machado Pais (2003) enfatiza a necessidade de aprofundar a reflexão acerca da temática, pontuando que, para a sociologia da juventude, esta oscilação costuma acontecer entre a compreensão da categoria como um conjunto social mais uniforme e homogêneo, cuja principal característica é ser formado por indivíduos de uma mesma "fase da vida". Na segunda tendência apontada pelo autor, trata-se de um grupo social diversificado e heterogêneo, onde se apresentam diversas culturas chamadas de juvenis³.

Diante de tal paradoxo, Carrano (2000) compartilha da ideia que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Ou seja, de um lado, há o caráter universal conferido pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária e, de outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a este tempo/ciclo da vida. De maneira geral, pontua-se que "a entrada na juventude" não se restringe às transformações biológicas, mas envolve também, mudanças psicológicas e de inserção social, pois a juventude

é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROPPO, 2000, p.8).

Para Pais (2003), a construção social da juventude pode se dar, ao mesmo tempo, de forma muito variada nas diferentes sociedades e em diferentes momentos históricos, pois, cada sociedade e cada grupo social lida e representa de maneira diversa esse momento, uma vez que.

Pode-se afirmar que a juventude é uma construção histórica. Groppo (2000), Schimitt (2001) e Abramo (1997), afirmam que a juventude aparece como uma categoria socialmente destacada nas sociedades industriais modernas, resultado de novas condições sociais, como as transformações na família, a generalização do trabalho assalariado e o surgimento de novas instituições, como a escola. Neste processo, começou-se a delinear a juventude como uma condição social, definida além dos critérios de idade e/ou biológicos. Uma condição de indivíduos que estão inserido em um processo de formação e que ainda não possuem uma colocação permanente na estrutura da divisão social do trabalho.

Essa diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero, nas regiões geográficas, dentre outros. É muito diferente, por exemplo, a noção do que é o jovem, de como vivencia esta fase e de como é tratado em famílias de classe média ou de camadas populares, em um grande centro urbano ou no meio rural (PAIS, 1993, p.36).

Nesta perspectiva, não podemos enquadrar a juventude em critérios rígidos, como uma etapa com um início e um fim pré-determinados, muito menos como um momento de preparação que será superado ao entrar na vida adulta. Desta feita, Abramo (1997) ressalta tratar-se de parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social.

Deve-se então ser trilhado um caminho que vise à compreensão do jovem em uma macro esfera social, fazendo-se necessário entendê-lo como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos que têm as especificidades que marcam a vida de cada um. "A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma" (CHARLOT, 2006, p.19).

3. O JOVEM RURAL NA SOCIEDADE DO TRABALHO

A escolha profissional dos jovens do meio rural brasileiro é determinada por um conjunto de fatores, entre

os quais, são apontados como mais relevantes aqueles relacionados às expectativas deles diante da necessidade de geração de renda na unidade familiar, que acontece de forma precoce, e a pouca permanência na educação formal, compreendida como elemento decisivo no horizonte profissional.

Autores como Pochman (1998) e Costanzi (2009) chamam a atenção para um fenômeno urbano do prolongamento da juventude que vem atingindo várias famílias. Trata-se do "retardamento" da entrada do jovem no mercado de trabalho e da aquisição de autonomia financeira para sua sobrevivência, ocasionando na permanência mais prolongada na dependência dos pais. Porém, é preciso ressaltar que se trata de algo urbano e que esta diretamente relacionado ao contexto socioeconômico no qual o sujeito está inserido.

No que se refere ao ambiente rural, Abramovay (2005) apontam que diferentes estudos destacam que a busca por maiores níveis de escolaridade é um fator importante na saída de jovens do mundo rural para os centros urbanos. Pois, a permanência na educação formal é compreendida por eles como o caminho para a conquista de empregos considerados melhores e para a aquisição de bens materiais

No entanto, a realidade da educação rural é composta por obstáculos de ordem econômica que são refletidos na escassez de recursos financeiros das famílias que não podem custear, mesmo que minimamente, a permanência dos filhos na escola em função de necessidade da presença deles nas atividades agropecuárias. Somado a isso, destacam-se também as dificuldades de acesso à escola – longas distâncias, falta de transporte ou precárias condições da estrada –, e o desinteresse pelo estudo, pois os conteúdos das disciplinas não estão adaptados à sua realidade social. (DUPAS, 2000, P. 247).

Outro aspecto pontado por Tiriba (2001) acerca da perspectiva de educação para os jovens rurais, é o fato que a oportunidade de formação qualificada ainda comumente encontra-se na cidade, assim "[...] as escolas capazes de ampliar as perspectivas de empregabilidade dos jovens rurais, normalmente encontram-se nas cidades e para isso outros obstáculos de ordem econômica e cultural precisam ser superados" (p.71).

Neste contexto, observa-se que o ideal de grande percentual dos jovens do campo é sair de sua cidade para estudar na capital em busca de melhores condições de vida para si e para a família. E isso fica bem claro para Carneiro (1998), quando relata que o jovem rural, além de outros, possui o desejo de melhorar o padrão de vida, de serem "algo na vida", atrelado à obrigação que sentem ter com a família.

No que se refere às sociedades contemporâneas, é sabido que Sabemos que vivemos hoje uma realidade do trabalho permeada por incertezas e constantes mudanças que assustam, sobretudo, os jovens, tendo em vista o problema do desemprego e da "desestruturação das relações formais de trabalho" (POCHMAN,1998). A análise realizada por Dupas (2002) acerca da problemática do desemprego, nos moldes do sistema de produção atual, evidencia que até meados da década de 1980, as atenções se voltavam para o modelo explorador do padrão fordista. No entanto, na atualidade, a preocupação gira em torno das formas de inserção do sujeito no mercado de trabalho.

O relatório intitulado "Trabalho decente e juventude - Brasil", da Organização Internacional do Trabalho (OIT), apresentado em 2009, informa que a juventude atual tem investido mais em educação formal, o que reflete a exigência do mercado de trabalho por maior escolaridade. Todavia, as desigualdades sociais, sobretudo, o acesso a uma educação de qualidade, evidenciam as disparidades entre as regiões e entre os jovens urbanos e os rurais, em termos de escolaridade.

Neste contexto, destaca-se a realidade vivenciada pelos jovens do campo enquanto sujeitos com baixa educação formal, reduzidas possibilidades de acesso a melhorias educacionais mas que, no entanto, almejam mudanças de vida diretamente relacionadas ao trabalho que realizam e ao conseqüente retorno

financeiro. Tratam-se pois, de jovens que anseiam por melhores oportunidades no mundo produtivo mas que, na maioria das vezes, são lançados aos subempregos em cidades distantes, longe de suas raízes familiares.

Assim, conforme Palacios (1995) destaca, o jovem apresenta anseios, questionamentos e posicionamentos próprios de sua fase vital, considerando também que “[...] a entrada no mundo do trabalho e a formação de uma unidade familiar própria são identificadas como papéis, atividades e relações da maior importância a partir do final da adolescência” (p.315). Essa fase é caracterizada pela busca de autonomia e, conseqüentemente, de um lugar na sociedade por meio do trabalho, o que caracterizaria a inserção na fase adulta do desenvolvimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens não podem ser categorizados como sendo homogêneos ou tão somente a partir de aspectos biológicos característicos dessa fase. Faz-se necessários buscar compreende-los conforme aspectos mais abrangentes de suas realidades. Assim, não se pode falar de uma única juventude, mas sim, de juventudes formadas conforme especificidades socioculturais.

De acordo com a literatura, ora relacionadas ora conflitantes, educação e trabalho são dimensões importantes na vida jovem do campo. Trata-se pois, de duas realidades que permeiam o cotidiano deles seja na prática ou na fantasia. O jovem do campo compreende a educação formal como caminho para a ascensão social, no entanto, sua realidade muitas vezes não o permite permanecer no ambiente escolar por muito tempo.

Neste contexto, trabalho é um conceito que o jovem rural conhece desde cedo, quando, ainda na infância, acompanham os mais velhos em atividades de plantio, colheita, pesca ou extração de recursos naturais. Ações estas que no período da juventude passam a ser como não sendo desejadas para a vida adulta como emprego, como profissão.

Trata-se de uma realidade ao jovem do campo que há décadas tem ficado à margem da educação formal por tempo maior, formando-se homens e mulheres que frequentaram a escola somente durante as séries iniciais e logo se tornam economicamente ativos diante das necessidades que lhes são impostas. No mercado de trabalho capitalista e competitivo, acaba lhes sendo destinados os subempregos, cujas funções não costumam requerer elevada capacitação específica.

Diante de tal realidade se configuram as constantes migrações da população jovem do campo para a cidade idealizando melhores condições de vida e de empregabilidade, realidade esta que se restringe em ilusão diante das exigências do mercado de trabalho que não são correspondidas pelos jovens do meio rural.

Desta feita, torna-se necessário a execução de políticas públicas que assegurem a permanência destes jovens na escola e que, além disso, lhes proporcione a formação continuada em cursos de capacitação para que, dentro da própria realidade rural possibilite o crescimento profissional desta parcela da população brasileira.

O jovem rural não precisa deixar suas raízes para realizar sonhos profissionais e melhorar a condição de vida de sua família, pois, ir para a cidade grande muitas vezes representa na prática, mergulhar em um universo de competições e desigualdades para o qual não está preparado. A eles devem ser direcionadas as oportunidades para aquisição de conhecimento que lhes possibilitem escolhas concretas e promissoras.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMO, H. W. **Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil.** Revista Brasileira de Educação. n. 5 e 6, p. 25-36, mai-dez. 1997.

ABRAMOVAY, Ricardo. Juventude rural: ampliando as oportunidades - Raízes da Terra: parcerias para a construção de capital social no campo. Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília, DF, abr. 2005, ano 1, n. 1. Disponível em: . Acesso em: 15 março 2013.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura, n.11, Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 1998.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes**: as identidades são múltiplas. Revista Movimento. Faculdade de Educação/UFF. Rio de Janeiro. DP&A, 2000.

CHARLOT, B. **Juventudes sergipanas** (UNESCO). Brasília e Aracaju-SE: UNESNO (Brasília) e J. Andrade (Aracaju-SE), Relatório de Pesquisa, 2006.

COSTANZI, Rogério Nagamine. Trabalho Decente e Juventude no Brasil. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2009.

DAYRELL, J. **Juventude, grupos de estilo e identidade**. Revista em Educação. Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, 2002.

DUPAS, Gilberto. Economia global e exclusão social: Pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação/ organizadores Regina Novaes e Paulo Vannuchi- São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DFEL, 2000.

PALACIOS, Jesús. O desenvolvimento após a adolescência. In: COLL, C.; PALACIOS, J.;

MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva. Trad.

Marcos A.G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, v.1.

PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2003.

_____. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Ca as da moeda, 1993.

POCHMANN, M. A elite joga fora uma oportunidade. Rio de Janeiro, jornal *O Globo*, Caderno Opinião, 1998, p. 7.

SCHMIDT, J.P. **Juventude e política no Brasil**: a socialização política dos jovens na virada do milênio. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

TIRIBA, L. V. Economia popular e cultura do trabalho: pedagogia (s) da produção associada. Egeu/RS, UNIJUÍ, 2001.

NOTAS

1 Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Universidade Federal de Sergipe.

2 Tendo esta compreensão faz-se necessário considerar as particularidades e até aspectos singulares, visando não cair em uma perspectiva atomizada. Ou seja, os sujeitos jovens (ou as juventudes) serão compreendidos como uma unidade dentro do diverso mundo econômico, cultural, étnico, de gênero, de religião, etc.

3 Este é um conceito essencial para a construção teórica deste capítulo, e será apresentado posteriormente.